

# DE PARTE DA CAUSA PARA PARTE DA SOLUÇÃO DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS

O mercado de finanças sustentáveis apresenta oportunidades para o setor produtivo de uso intensivo da terra. As empresas devem traçar planos de ações concretos visando uma transição gradual para um modelo de negócios mais verde e inclusivo, e as operações baseadas em desempenho são uma oportunidade para isto.

por **CAMILA HORST TOIGO**

Os setores produtivos que fazem uso mais intenso da terra têm potencial de reduzir as emissões de Gases de Efeito Estufa até 14 bilhões de toneladas de CO<sup>2</sup> por ano, até 2050. Os custos para isto, conforme também é sinalizado pelo Observatório do Clima, é menos de US\$ 100 por tonelada de emissão, considerando que já existem tecnologias que viabilizariam a mitigação por menos de US\$ 20 a tonelada.

Essa adaptação se faz urgente frente ao cenário alarmante de que, na última década, observou-se o maior nível de crescimento de gases de efeito estufa até hoje verificado, segundo o Sexto Relatório de Avaliação (AR6) do Painel Intergovernamental sobre Mudança Climática (IPCC), lançado no início de 2022. A intensificação das emissões ocorreu apesar do problema já ter reconhecimento em escala global.

A expansão do uso de tecnologias agropecuárias que mantenham um padrão de baixa emissão, contribuam para a conservação da biodiversidade e que gerem resiliências às mudanças do clima necessita da concretização de um ecossistema de finanças que torne exequível essas mudanças, como já previa o Plano ABC (Plano Setorial de Mitigação e de Adaptação às Mudanças Climáticas Visando à Consolidação de uma Economia de Baixa Emissão de Carbono na Agricultura), criado pelo Governo Federal em 2012. Nesse ínterim, o mercado de títulos rotulados, onde crescem as emissões de *green bonds*, *social bonds* e *sustainable bonds*, vem oferecendo oportunidades, ainda que de maneira tímida, para que os setores agropecuário e florestal possam contribuir mais expressivamente para uma economia verde, inclusiva e sustentável.

“

**As operações baseadas em desempenho ESG vêm demonstrando-se como ferramentas financeiras capazes de estimular mudanças corporativas – cultural, estrutural e operacional - para os setores altamente poluentes e que, normalmente, não se enquadrariam em emissões com rótulo essencialmente verde.**

”

Conforme as informações apresentadas no banco de dados da NINT (*spin-off* do Programa de Finanças Sustentável da SITAWI), que abrange operações rotuladas públicas de empresas brasileiras, o setor agropecuário já realizou 62 operações rotuladas desde 2019, entre bonds (títulos) e empréstimos. No total, essas operações movimentaram cerca de R\$ 22,14 bilhões, sendo R\$ 4,69 bilhões gerados em 2022 e 2023.

As operações baseadas em desempenho ESG vêm demonstrando-se como ferramentas financeiras capazes de estimular mudanças corporativas – cultural, estrutural e operacional - para os setores altamente poluentes e que, normalmente, não se enquadrariam em emissões com rótulo essencialmente verde. Diferentemente das operações baseadas em uso de recursos que visam financiar projetos ou ativos predefinidos que tenham impactos socioambientais e climáticos positivos, os instrumentos baseados em desempenho possuem uso de recurso livre. Ou seja, o dinheiro

captado não necessariamente precisa ser implementado em projetos específicos. Então, se em uma operação verde, por exemplo, o uso do recurso captado vai estar atrelado a implantação de uma tecnologia não intensiva em carbono, uma operação baseada em desempenho vai estar relacionada ao atingimento, por parte do emissor, de metas pré-estabelecidas para indicadores materiais sob o ponto de vista dos *stakeholders* – como reduzir o nível de emissões de GEE do escopo 1 e 2. Por isto, para muitos investidores, esses instrumentos são uma oportunidade de um discurso ESG virar um incentivo real de mudança e impacto.

As operações de desempenho representam 25% das operações realizadas no Brasil até então, movendo quase metade (46%) do volume total de recursos captados desde 2019. O setor agropecuário representa 23% das operações baseadas em desempenho, com metas atreladas à redução de emissões de GEE, prevenção e controle da poluição, conservação da biodiversidade, eficiência no uso de recursos, redução na geração de resíduos, energia e/ou água e rastreabilidade da cadeia de fornecedores.

A partir desses instrumentos, há oportunidade para que empresas estabeleçam planos de ações concretos para um direcionamento mais direto para um modelo de negócios mais verde, inclusivo e mais maduro em termos de governança corporativa. Assim, o setor intensivo de uso da terra tem espaço para deixar de ser parte das causas da mudança climática, para se tornar, cada vez mais, parte da solução. À medida que velhos setores precisam ser rapidamente descarbonizados e, para isto, largas quantias de investimentos necessitam ser destravadas, o mercado se expande para viabilizar esse caminho com bases científicas confiáveis e compromissos/metaspambiosas. Apesar de ainda não se serem o *mainstream* das finanças sustentáveis, as operações de desempenho se constituem em uma tendência para encorajar o setor intensivo em uso da terra a adotar boas práticas ao longo de toda sua cadeia de produção, contribuindo de forma eficiente para os acordos climáticos globais e práticas sociais responsáveis. **RI**



**CAMILA HORST TOIGO**  
é consultora sênior de Finanças  
Sustentáveis da NINT.  
[camila.toigo@nintgroup.com](mailto:camila.toigo@nintgroup.com)